

Nossa Espera

Flusser, V., Pós-História, vinte instantâneos e um modo de usar, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.

A sociedade pré-industrial esperava por colheitas, a industrial pelo progresso. Atualmente não é a espera, é o receio que nos caracteriza. As três sociedades têm três climas existenciais distintos com relação à experiência do tempo: o clima da agricultura é o da paciência, o da indústria é o da esperança, o nosso é o do tédio. Na agricultura há dois períodos: o da ação estival, e o da passividade invernal que é espera. Na indústria há transformação progressiva do ambiente, e espera-se que tal transformação seja aperfeiçoamento. Atualmente esperamos que os aparelhos funcionem conforme programa. Tal tipo de espera é relativamente novo, e merece ser observado fenomenologicamente. Com o propósito de captar nossa vivência do tempo.

Para se poder viver na sociedade pós-industrial, é preciso que se disponha de “documentos”. Trata-se de símbolos que permitem ao aparelho verificar em qual das repartições o portador está funcionando. Todo “cidadão” tem direito a tais documentos, e o aparelho tem obrigação a fornecê-los. Mas “direito e obrigação” são categorias políticas, tornadas anacrônicas pela funcionalização da sociedade. Não mais funcionam. De modo que quem necessitar de documentos precisa executar determinados gestos apropriados ao funcionamento dos aparelhos.

O aparelho competente deve ser alimentado com determinados papéis cobertos de símbolos, chamados arcaicamente “requerimento”, na espera que vomite o documento visado. Está programado para fazê-lo. Tais requerimentos devem ser preenchidos em obediência às regras de jogo do aparelho. Tais regras são formais, e nada têm a ver com o documento em causa. Os papéis do requerimento devem ter determinado tipo, os papéis devem conter determinadas perguntas impressas, e devem ser respondidas em estilo determinado. Tais papéis, chamados “formulários”, devem ser obtidos em determinadas aberturas do aparelho, e, para obtê-los, é preciso que se os requeira. De maneira que a circularidade em espiral do funcionamento revela sua regressão absurda ao infinito. Na prática, no entanto, os formulários são vomitados pelo aparelho com relativa suavidade. Preenchidos os formulários, e alimentados em abertura específica de input, o requerente espera pelo funcionamento programado: pela ejeção do documento requerido por abertura de output.

O gesto do requerente tem estrutura “staccato”: todo movimento é seguido de “pausa”, de espera. Trata-se de gesto característico da automação, tem caráter quântico do tipo “bit”, e constitui mosaico de atos. É constituído de “actomas”. Por exemplo: determinados requerimentos exigem seres munidos de fotografia. As fotografias são vomitadas por aparelhos especializados, chamados “fotomatos”. Estes fornecem fotografias programadas: de formato, cor, fundo, e iluminação programados. O funcionamento do fotomato se passa da seguinte maneira:

São elas caixas pretas munidas de fendas. Numa das fendas é colocada moeda. Isto provoca que se acenda luz que permite ao requerente infiltrar-se em outra fenda. Encontra-se ele agora em cela reminiscente de prisão, e munida de cadeira reminiscente de tortura. O requerente senta na cadeira em atitude programada, e aperta botão que está ao alcance de seu braço. Em seguida sorri idioticamente em direção da parede, e espera até que uma lâmpada lá localizada pisque ironicamente três vezes. Depois se evade da caixa e espera no exterior por dois minutos. No exterior da caixa está colado um modo de usar que lhe informa do tempo de espera. Se a caixa funcionar conforme programa, passados os dois minutos aparecem em outra fenda três

fotografias , ainda molhadas de suco aparelhístico, e o requerente as recolhe. Em seguida anexa-as ao requerimento.

Seria absurdo querer contemplar as fotografias. São elas tecnoimagens cuja mensagem se dirige, não ao retratado ou pessoa “física”qualquer, mas ao aparelho. Igualmente absurdo querer sacudir a caixa, se esta não funcionar conforme o programa. Todo ato revolucionário seria absurdo. O que é preciso fazer-se em tal caso é requerer a outra repartição do aparelho, a funcionário especializado, que se faça com que o formato funcione.

O que importa em tal observação é a constatação do fato que às fendas no aparelho correspondem fendas no gesto: fendas de tempo . O gesto tem a estrutura em “bits”do programa do aparelho: há nele intervalos. Tais intervalos são tempos de espera. Pois para consciência histórica, processual, tais intervalos são dificilmente suportáveis. Parecem vazios. Não concedem lugar nem à paciência, nem à esperança . Embora em casos extremos a vida do requerente possa depender do funcionamento do fotomato, por exemplo quando se trata da obtenção de passaporte que permita escapar às ameaças de um aparelho policial, o intervalo de dois minutos não pode ser preenchido de esperança. É tediosamente longo. Tal tédio independe da extensão objetiva do intervalo. Objetivamente, o fotomato abrevia o tempo entra a tomada da fotografia e sua produção ainda mais radicalmente que o concorde abreviou o tempo entre S. Paulo e Londres .Mas tal progresso objetivo é existencialmente sem interesse, em ambos os casos. O que importa existencialmente que, em ambos os casos, o intervalo seja tempo vazio, parado, o nunc stans dos antigos. Que proporcione a sensação do nada. O tédio é experiência temporal característica do funcionamento.

Tal é a forma atual da espera. Intervalo tedioso, sem paciência nem esperança. Miniaturização da morte. Pois é obvio que tal experiência temporal nova exige que elaboremos novos modelos do tempo.

Na sociedade agrária o tempo é ciclo: o eterno retorno de semeadura-colheita-semeadura, dia-noite-dia. Nascimento-morte-renascimento. O tempo circula no espaço e ordena as coisas . Repõe ele as coisas no seu lugar justo, do qual se afastaram. Afastar-se é injustiça, “adikia”. O homem, ao viver, desloca as coisas. Comete injustiças . O tempo circular, o destino, recoloca tudo na ordem preestabelecida. Recrimina. Castiga. Se o homem quiser escapar ao castigo merecido, deve sacrificar, pagar multas. Vive magicamente. O tempo circular não dá lugar à causalidade. O dia é causa da noite e efeito da noite. Tanto vale dizer que o sol desperta o galo, quanto dizer que o galo desperta o sol: o modelo circular do tempo é mítico.

Na sociedade industrial o tempo é reta. Sequência de eventos que fluem univocalmente, e que jamais se repetem. Nenhum dia é repetição do precedente, toda colheita é singular, e se há vida depois da morte será diferente da que conhecemos. O tempo linear é “histórico”: progride rumo ao novo. Provêm do passado e demanda o futuro.Ao fluir, arrasta as coisas consigo. Todo momento perdido é oportunidade perdida. Todo momento urge. Todo ato cometido é irreparável. Será causa de efeitos imprevisíveis, mas necessários, isto é: irrevogáveis. Nada é, tudo se torna. Por isso não há presente. O presente não passa de um ponto sem dimensão na reta do tempo. Já passou ao ter advindo. É o tempo da vida histórica , e seu modelo é a causalidade.

Na sociedade pós-industrial o tempo é o abismo. Vórtice do presente que suga tudo. O presente é a totalidade do real. Nele todas as virtualidades se realizam. Se apresentam”. E o presente está armado. Aonde quer que esteja eu, lá é o presente. Tudo advêm ao presente, tudo se apresenta. O tempo não mais flui do passado rumo ao futuro, mas flui do futuro rumo ao presente . E o futuro não está mais na ponta de uma reta : é ele o horizonte do presente, e o cerca de todos os lados. Por onde quer que olhe, lá, está o futuro. Não há mais progresso, nem vanguarda. Todo

ato é gesto pelo qual alcanço o futuro para apresentá-lo. Em não importa que direção que aja. E não há passado no significado do modelo linear : o que advém não é o ontem, mas o amanhã. O passado não é senão aspecto do presente. As coisas apresentadas são guardadas no presente . Tal armazém presente é “passado”em dois sentidos: está disponível (memória), ou indisponível (recalque). O passado está presente nessas duas formas. De maneira que não serve para explicar o presente; o presente é o explica”.

Pois esta é a dinâmica do modelo pós-industrial do tempo: Aonde estou eu, lá está o presente. Eu sou vortice que suga futuro para apresentá-lo e transformá-lo em passado. Eu sou o abismo dentro do qual o tempo se precipita. Eu sou vacuidade. E vivencio tal vacuidade que sou quando nada se apresenta. Durante os intervalos do meu funcionamento. Podemos visualizar tal modelo, como podemos visualizar os modelos precedentes. Um modelo agrário é visualizável como orbita do sol e da lua. O tempo industrial é visualizável como rio. O tempo pós-industrial é visualizável como campo magnético. E o tédio é visualizável como campo magnético do qual foram retiradas as limalhas de ferro. Dada a nossa experiência do tempo, tal modelo se impõe em todos os campos. É o modelo cibernético do tempo.

O fundamento do modelo é a experiência da espera em tempo vazio. Que é a experiência da nossa própria vacuidade. A análise existencial heideggeriana e sartriana procura um capital. Procuram mostrar que a existência cercada de coisas cheias, demasiadamente cheias de si e que se precipitam nossa carência a dentro. Mas tais análises não captam, como o faz a camusiana, o absurdo da vacuidade. Sugerem que o tempo de espera é “disponibilidade” seguida de “decisão” e de “engajamento”. A experiência com o fotomato desmente tal análise da espera. Ao esperarmos destarte somos disponíveis para o aparelho. Nada podemos decidir, e todo engajamento,em prol ou contra o aparelho seria absurdo. A espera é vivenciada como tédio, precisamente por ser intervalo absurdo em funcionamento absurdo.

A espera, o tempo prado, revela que somos fenda. Ao enfrentarmos o nada, descobrimos que nada somos. Que tanto Eu como mundo são extrapolações abstratas da concreticidade da experiência do nada. Na espera fazemos “epoché” no sentido husserliano. Pois em tais instantes captamos a função dos aparelhos. Funcionam para preencher as fendas que somos. Já que a experiência da vacuidade é a experiência da morte, podemos reformular a função dos aparelhos. Funcionam para diverti-los da experiência da morte. Nas fendas de tal funcionamento a morte reaparece sob forma de tédio. E os aparelhos bombardeiam o tédio com sensações, a fim de reprimi-lo. O tédio é o inimigo do funcionamento porque o desmascara. O tédio é a desmistificação do aparelho.

Há “bossa nova”que canta funcionário que espera pelo trem das cinco, enquanto sua mulher o espera com o jantar, e na sua barriga espera o filho para nascer e esperar o trem das cinco. Tal é a descrição fenomenologica da espera em tempo de funcionamento. É isso que esperamos e que nos espera. É isto que calculam os futurólogos e que os planejadores programam, mas, obviamente, tais cálculos e programas não podem contar com o inesperado. Mal grado as teorias das catástrofes, o inesperado é imprevisível. E todo inesperado é terrificante. Pois apenas o inesperado pode transformar a nossa forma atual de espera. De modo que esperamos que o inesperado, a catástrofe, aconteça. Esperamos pelo que nos aterroriza. Em tal espera Esperança e receio se amalgamam. Tal é o fundamental “equilíbrio do terror” sob o qual vivemos.